



Em busca de uma espiritualidade encarnada: A abertura da condição humana à vida divina à luz da mística do cotidiano de José Tolentino Mendonça

Randy Fernando Romero Morillo¹

RESUMO: Vivemos em um tempo em que muitas espiritualidades se afastam da integração entre vida humana e divina, marcadas por um certo gnosticismo que promove o subjetivismo e o isolamento interior. Isso gera uma visão do mundo espiritual como oposta à vida terrestre. A partir da fragilidade, da carência e do tempo, como traços próprios da condição humana, e em diálogo com José Tolentino Mendonça e sua mística do cotidiano, refletiremos sobre a vulnerabilidade, o desejo e o instante como pontos de encontro entre a existência humana e a vida divina do Deus-Trindade da profissão de fé cristã, promovendo uma espiritualidade encarnada e aberta ao mistério do Outro, dos irmãos e do nosso.

PALAVRAS-CHAVE: Condição humana. Desejo. Vida divina. Instante. Tolentino Mendonça.

ABSTRACT: We live in an age in which many spiritualities are moving away from the integration between the human and the divine, marked by a certain Gnosticism that promotes subjectivity and inner isolation. This creates a vision of the spiritual world in opposition to earthly life. Starting from fragility, need, and time as characteristics of the human condition, and in dialogue with Jose Tolentino Mendonça and his mysticism on everyday life, we will reflect on vulnerability, desire and the present moment as meeting points between human existence and the divine life of the triune God of the Christian faith, promoting an embodied spirituality open to the mystery of the Other, of our brothers and of ourselves.

KEYWORDS: Human condition. Desire. Divine life. Present moment. Tolentino Mendonça.

INTRODUÇÃO

O grupo de vida *Hakuna* expressa, em uma de suas músicas, uma verdade profunda sobre a vida: “É tão simples, tão simples que o homem não é capaz de suportar”. Essa simplicidade, especialmente no caminho espiritual, está na contemplação da própria existência e da vida como ela é. Mas no nosso tempo é desafiador aceitar que o caminho espiritual possa ser algo tão simples como olhar para a vida com os olhos de Deus. Vivemos numa constante

¹ Bacharel em Filosofia e graduando em Teologia.

busca de sentido existencial e espiritual, e, paralelamente, investimos tanto tempo em procurar métodos e formas que nos deem a garantia de uma vida significativa e de um encontro com Deus que nos afastamos d'Ele e de nós mesmos.

No campo da fé, essa busca torna-se ainda mais urgente, pois o mundo contemporâneo é marcado por um ambiente religioso onde muitas espiritualidades oferecem caminhos desconectados da integração entre a vida humana e a vida divina. Como o Papa Francisco nos alerta, um certo gnosticismo está presente no nosso tempo porque muitos se dirigem a “uma fé fechada no subjetivismo, onde apenas interessa uma determinada experiência ou uma série de raciocínios e conhecimentos que supostamente confortam e iluminam, mas, em última instância, a pessoa fica enclausurada na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos” (*Evangelii Gaudium*, 94).

Esse dualismo tende a opor o mundo material ao mundo interior de cada pessoa. O Criador e a criatura são compreendidos um dissociado do outro. Muitos acreditam que a autorrealização de cada homem e mulher depende apenas de sua própria capacidade de ser quem deseja, mas, para o cristão, essa visão é inadequada. Ela contradiz a proposta do Deus de Jesus, que nos convida a uma integração entre o humano e o divino de uma forma profundamente amorosa e gratuita.

Ao mesmo tempo, essa desconexão faz com que muitos cristãos se deixem levar por espiritualidades aparentes. Algumas exaltam o poder de cada pessoa de se realizar aqui na terra, confundindo isso com a vida eterna. Outras, promovem uma experiência de Deus tão intimista que não permitem a abertura ao outro, condição indispensável para a salvação. No entanto, o verdadeiro seguidor de Jesus Cristo percebe que a autorrealização consiste em ser plenamente humano, o que só é possível ao entrar na vida divina. Esse caminho rumo à transcendência começa e se constrói no cotidiano da nossa existência, com todas as dores, alegrias, desafios e acertos que ela apresenta.

É nesse horizonte que se evidencia a necessidade de uma espiritualidade integradora que permita o contato entre a vida humana e a vida divina de forma coerente e concreta. Buscamos uma espiritualidade que reconheça o ser humano em sua totalidade, acolhendo a sua existência como pontos de partida e chegada para uma realização cristã. Nesse sentido, o cardeal José Tolentino Mendonça, biblista e poeta português, com a sua mística de olhos abertos à realidade humana, oferece uma possibilidade:

A mística, entendida como experiência integral da vida, desafia-nos a uma nova composição onde os opostos (matéria e espírito, corpo e alma, razão e sentimento, logos e mito, prosa e poesia) são reconhecidos e mantidos conjuntamente, em harmonia. A ideia não é negá-los nem conduzi-los a uma unidade amalgamada (2016, p. 33).

Embora Tolentino não apresenta essas ideias de forma sistemática e objetiva, elas permeiam a sua obra. A partir de uma análise de alguns de seus escritos, nesta pesquisa se

apresenta uma certa sistematização sobre categorias-chave, com a esperança de contribuir na compreensão de uma mística que ajude a habitar o mistério. Percebe-se que há uma relação entre as seguintes categorias: fragilidade e vulnerabilidade; carência e desejo; temporalidade e instante. Tais categorias, devem-se distinguir adequadamente entre as que pertencem à vida divina de Deus-Trindade, que professamos; e aquelas que são próprias da condição humana, da qual podemos falar com maior propriedade.

Por conseguinte, consideramos que a fragilidade, a carência e a temporalidade são características propriamente humanas, enquanto a vulnerabilidade, o desejo e o instante nos servem como categorias que favorecem o contato entre Deus e os seguidores de Jesus. Com a explicitação e apropriação dessas categorias e traços se espera tornar mais compreensível o modo como nossa cotidianidade serve de lugar privilegiado, tanto existencial como teológico, para que as experiências espirituais de encontro entre Deus e os seres humanos aconteçam.

Certamente, a condição humana e a vida divina possuem muitos outros traços, que também emergem na obra do cardeal Tolentino. Sem embargo, esta pesquisa concentra-se nessas categorias, escolhidas por sua recorrência, seja de maneira explícita ou implícita. O intuito é promover uma reflexão que nos ajude a posicionar-nos de um modo adequado diante de Deus, e viver uma espiritualidade encarnada. Em outras palavras, uma espiritualidade que, antes de responsabilizar Deus por nossa condição humana, nos permita dialogar com nossos anseios e resistências diante do mistério: mistério do Outro, dos irmãos e de nós mesmos.

Dessa forma, iniciaremos nosso percurso abordando a vulnerabilidade como espaço de afetividade e encontro, passando pela compreensão do desejo como força que conduz a Deus e culminando na reflexão sobre o instante como categoria de um tempo de graça vivido na história. Com essa proposta, buscamos oferecer uma composição que estimule a capacidade de discernir se “estamos dispostos a amar a vida como esta se apresenta” (TOLENTINO MENDONÇA, 2016, p. 83), e a partir daí, transformar o modo em que transitamos a nossa existência e o próprio caminho espiritual, de forma integrada, para testemunhar uma mística coerente com a proposta evangélica de Jesus².

1 A VULNERABILIDADE QUE NOS AFETA

Estar doentes é estar expostos ante o mundo, quase de mãos vazias, à espera do que vai acontecer. Seja um simples resfriado, seja uma grave enfermidade, ao longo da vida todos passamos por essa situação, e quando o incômodo e a dor aparecem com maior intensidade, nossos questionamentos à própria vida e o seu sentido irrompem quase que naturalmente. Claro que sempre almejamos a saúde para voltar ao normal, recuperar a nossa independência

2 Para maior esclarecimento sobre a mística do instante proposta por Tolentino: “[...] es bueno mencionar una salvedad: no es que la flor, no es que la comida o el paisaje sean Dios. Eso sería un panteísmo (todo es Dios y no se reconoce la distancia entre Dios y la creatura). Lo que la espiritualidad de los sentidos nos debe hacer interiorizar es que hay formas a través de las cuales podemos vincularnos con Dios, que la experiencia de Dios está mediada por lo sensible, en tanto nosotros vivimos un mundo sensible” (Espinosa, 2021, p. 203).

e poder fazer o cotidiano com naturalidade. Por isso que o maior desafio, nesse momento em que nos sentimos mais frágeis, é aceitar que a nossa independência é interrompida e precisamos de alguém que nos ajude e, no fundo, queremos que alguém nos ame, ora com palavras, ora com gestos como um simples abraço. Este exemplo nos ajuda a ilustrar a vulnerabilidade, a qual o cardeal Tolentino, seguindo a Lévinas, descreve como condição ontológica: "... a razão da nossa vulnerabilidade assenta no fato de não nos ser possível nos fecharmos por dentro: o ser humano é abertura. Logo, a nossa pele está exposta à ferida (ao *vulnus*). Logo, a nossa abertura representa a nossa comum vulnerabilidade (TOLENTINO MENDONÇA, 2021, p.76).

Tolentino sugere, ao longo de suas reflexões, que a vulnerabilidade é condição inegociável da existência humana e está além das circunstâncias em que cada indivíduo se encontra. Por isso, ela não deve ser perdida de vista ao se falar da vida espiritual. A vulnerabilidade permite que o ser humano seja afetado pelo encontro com outros e com a realidade, tornando-o um ser em aberto, e sem emitir juízo de valor, o que importa é que isso acontece. O desafio é passar a habitar nossa condição vulnerável até o ponto de reconhecer que Deus também habita nela sem que isso prejudique a sua divindade. Quando isso acontece, percebemos de um modo diferente a própria vida e o seu sentido.

Um bom começo para viver de um modo novo esse mundo de abertura, de encontro e afetos é "aprender a simplicidade de aceitar a nossa história como ela é, aceitar a vida sem moralizar, sem encobrir, sem pôr embaixo do tapete, expondo a nossa pobreza na confiança de que ele [Deus] pode transformar-nos" (TOLENTINO MENDONÇA, 2016, p.135). Trata-se de aceitar a própria história sem querer se desfazer dela, reconhecendo o imperfeito e o imoral presente no ser humano. A doença, seja ela física ou espiritual, que afeta o indivíduo hoje, é fruto de circunstâncias e contextos, mas não define quem ele é. Quando Tolentino comenta a passagem do Evangelho de Marcos sobre o cego em Betsaida (Mc 8,22-26), ele aponta que a autenticidade desse homem está em reconhecer que vê mal, e isso cria a oportunidade para que Jesus corrija seu olhar até o curar. De modo contrário a essa ideia, algumas pessoas, mesmo tendo fé, ficam presas nos porquês da sua situação atual, fechando-se à possibilidade de Jesus os sanar, não com remédios externos, mas com a entrega próxima de si (TOLENTINO MENDONÇA, 2016, p.135). É o encontro entre vulneráveis que permite a transformação da pessoa.

A imagem de um objeto quebrado ilustra bem a fragilidade humana: ao se partir, ele se divide em múltiplas partes, gerando espaços que só podem ser preenchidos por algo externo, como uma cola, um prego ou uma fita, que entra para restaurar a peça e torná-la "uma" novamente. Mas, a verdadeira fragilidade é a situação prévia ao rompimento, caracterizada por uma extrema tensão. Para evitar esse ponto de apreensão e angústia, no qual a fragmentação pode ser irreversível e dolorosa demais, é fundamental que cada pessoa reconheça sua vulnerabilidade como condição essencial da própria inteireza. Esse reconhecimento se traduz na abertura ao encontro com os outros, onde cada pessoa descobre seu valor na relação com o próximo. Quando essa abertura não ocorre, o ser humano se torna ainda mais frágil, preso

a uma individualidade egoísta que aumenta o risco da própria ruptura. Ao se permitir esse movimento, as marcas e feridas da existência não são apagadas, mas possibilitam que o indivíduo se mantenha íntegro diante do mundo, transformando continuamente o seu ser.

Neste ponto é oportuno lembrar que Deus é o Outro por excelência. Por meio de Seu Filho, Ele revelou como essa dinâmica de abertura e encontro, isto é, de vulnerabilidade, plenifica a própria existência humana. Ele chama continuamente o ser humano a lutar contra o maior inimigo de sua realização: o sentimento de grandeza e autossuficiência que o faz acreditar que não depende de ninguém. Por isso, é necessário afirmar, com Tolentino, que “precisamos ‘cair em nós’ e perceber que a autossuficiência é uma ilusão nossa, que a nossa situação é de fraqueza, carência e imperfeição. [...] Mais importante do que ver os anjos é eu poder olhar-me a mim, como sou, porque essa é condição para que Cristo atue” (TOLETINO MENDONÇA, 2016, p.143).

O que significa “cair em nós”? É uma pergunta que tenta reflexionar sobre o que o ser humano é. A resposta para essa questão não é simples nem definitiva, e tampouco pode ser reduzida a uma única perspectiva. Com frequência, a maioria das pessoas compreende a fraqueza e a imperfeição como características inerentes à condição humana. Porém, Tolentino estabelece uma distinção importante que amplia essa compreensão. Ele descreve a fraqueza, a carência e a imperfeição, como situações nas quais o ser humano se encontra, seja no seu exterior, seja no seu interior, mas não como atributos de sua condição mais profunda. Por sua vez, o autorreconhecimento consiste na consciência de si em relação aos outros e ao mundo. Essa percepção se manifesta na vulnerabilidade, entendida como uma condição essencial para a abertura e para a constituição da própria humanidade.

A fragilidade é parte da condição humana, mas não deve ser tomada como seu fundamento, pois o ser humano é vulnerável justamente pelo embate constante com os outros e com o mundo. A fragilidade é uma situação de possibilidade e da qual cada indivíduo pode ou não se apropriar. Por conseguinte, a fragilidade não é nem positiva, nem negativa em si. Seu significado radica na resposta que cada pessoa lhe atribui para o sentido da própria vida. Ainda mais, à luz da fé, conforme sugere Tolentino, reconhecer essa situação de fraqueza torna-se essencial para que o próprio ser humano, em sua vulnerabilidade, permita a atuação de Cristo na sua vida.

Ora, tanto a fragilidade como a vulnerabilidade não são meras ideias metafísicas, elas são categorias da realidade humana que as pessoas experimentam também no corpo. Em vista disso, ao longo de *A mística do instante*, aborda-se a importância de redescobrir os sentidos como portas de acesso à experiência de Deus. Isto é contrário à visão negativa que algumas pessoas têm do corpo como um inimigo da vida espiritual. O comentário que Tolentino faz a respeito da concepção bíblica do corpo permite compreender a realidade humana como corpórea e o seu significado para a vida de fé e de relacionamento com Deus:

Ela [a concepção bíblica] defende uma visão unitária do ser humano, em que o corpo não é visto nunca como um revestimento exterior do

princípio espiritual ou como uma prisão da alma, como pretende o platonismo e suas réplicas tão disseminadas. No âmbito da criação, o corpo exprime a imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,27) (TOLentino MENDONÇA, 2016, p. 11).

Então, se um traço da condição humana é ser vulnerável e estar numa situação de fragilidade; e se o corpo manifesta tanto a integridade do ser humano, assim como reflete a imagem e semelhança de Deus; logo pode-se sugerir que Deus é vulnerável e que, pelo princípio da Encarnação, está em uma situação de fraqueza. Isto permite compreender Deus em meio da realidade humana e não fora dela. Como Tolentino afirma: “Deus é cúmplice da afetividade [pois Ele é]: onipotente e frágil; impassível e passível; transcendente e amoroso; sobrenatural e sensível” (2016, p. 28)³. Ora, uma das dificuldades de alguns cristãos é enxergar ou confundir em Deus essas categorias.

Para aprofundar essa reflexão, é essencial considerar dois aspectos fundamentais. Primeiramente, a teologia da encarnação, que constitui o alicerce da fé cristã ao afirmar que “o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). Jesus é esse Verbo que veio ao mundo e assumiu plenamente a condição humana, e conseqüentemente, trouxe para cada homem e mulher crente a participação na vida divina. Em segundo lugar, faz-se necessário uma leitura cristológica para distinguir e relacionar os conceitos de fragilidade e vulnerabilidade na experiência da vida divina. Para esse propósito, recorre-se a um comentário de Espinosa sobre a afirmação de Tolentino a respeito da cumplicidade afetiva de Deus:

a través de los sentidos no solo degustamos un sabor, olemos un aroma, vemos un objeto, escuchamos una canción o palpamos una superficie, sino que a través de ellos hacemos una auténtica experiencia de Dios en tanto él es verdaderamente cómplice de lo que nos afecta. Y lo es porque Él, en Jesús de Nazaret, asumió nuestros sentidos y dejó que ellos constituyeran las puertas por medio de las cuales poder vincularse con el mundo (ESPINOSA, 2021, p. 203).

A partir dessa perspectiva, pode-se considerar que a fragilidade a que Tolentino se refere não diz respeito à totalidade de Deus, mas especificamente ao Filho encarnado. Foi Ele que veio à carne e assim se tornou totalmente vulnerável, deixando-se afetar com a humanidade e o mundo. Ao mesmo tempo, essa vulnerabilidade fez com que Ele, sem se servir da sua condição divina, assumisse a situação de extrema fragilidade que isso implicava, e que não O impediu de se entregar até à cruz para salvar todo o gênero humano. Dessa forma, restaurou a imagem e semelhança com Deus que havia sido perdida pelo pecado.

3 Essa mesma frase é colocada numa outra obra de Tolentino que permite aprofundar, desde outra perspectiva, a mesma questão da afetividade de Deus. A esse respeito, Dimas comenta: “O acesso a Deus pessoal que não se reduz ao mundo nem à indeterminação da vacuidade, porque que é ao mesmo tempo transcendente e imanente, só é possível pela via analógica de uma racionalidade mistérica e trans-conceptual. Essa trans-racionalidade encerra o discurso poético da metáfora e do oxímoro, porque a obscura claridade de Deus não se capta na obediência aos princípios lógicos do modelo aristotélico [...]” (DIMAS, 2022, p. 35).

Não se pode afirmar que Deus é frágil, mas deve-se, sim, admitir que Ele se importa profundamente com a fragilidade humana, a qual assumiu plenamente por meio da humanidade vulnerável de Seu Filho. Assim, em Jesus, encontramos expressa a plenitude da vulnerabilidade de um Deus que é cúmplice da afetividade, pois se fez corpo, isto é, sentidos, história e relações; pela humanidade, com a humanidade e para a humanidade.

O verdadeiro seguidor de Jesus há de reconhecer que Ele teve um corpo, sem que isso diminua sua condição divina. O problema surge quando as pessoas de fé cristã querem ficar somente com a condição divina de Cristo. Ignorando a sua corporeidade, o encontro com Ele neste mundo seria impensável, pois se estaria negando tanto a visão relacional de Deus com a humanidade assim como a sua encarnação, e os cristãos sabem que Deus se importa com todo o criado. A prova disso é que Jesus não se serviu de algo distinto daquilo que tinha a seu alcance para revelar o mistério de amor do Pai para com a humanidade e a criação. Ele colocou o relacionamento com o próximo no centro do seu ministério, mostrando a proximidade que ele vivia intrinsecamente com o Pai à disposição de todos. Como testemunham as Escrituras, Jesus não desprezou o seu corpo, antes o ofereceu em favor da santificação dos homens e mulheres (Hb 10,10) e o deixou como alimento da fé (Mt 26,26, Mc 14,22, Lc 22,19).

Tolentino insiste, de modo explícito ou nas entrelinhas de suas reflexões, na importância de viver a experiência do mistério com aquilo que se tem à disposição: o corpo, os sentidos, o mundo, o cotidiano, em suma, a realidade humana⁴. Interpretado de outra maneira, poderia surgir a dúvida sobre se a experiência espiritual é, de fato, com o mesmo Deus de Jesus dos Evangelhos. Ao mesmo tempo, corre-se o risco de negar tanto o modo como Ele assumiu a própria história quanto sua maneira única de afetar e deixar-se afetar pelos outros. Os cristãos reconhecem em Jesus tudo o que ainda não são, fortalecendo a esperança de que, por meio da fé professada e vivenciada, podem chegar a ser como Ele. Mas, quando a humanidade de Jesus não é enxergada, perde-se de vista, com facilidade, a própria humanidade, e a vida corpórea pode ser interpretada como um fardo, em vez de um meio para se aproximar de Deus.

Fazer experiência mística exige admitir que “a precariedade e a fragilidade do corpo; o grito, universal e concreto, que dele brota; a sua comum e cotidiana respiração aproximam-nos mais de Deus do que qualquer elaboração conceitual” (TOLENTINO MENDONÇA, 2016, p.34).

Essa chave de leitura talvez pareça apresentar uma imagem de Jesus excessivamente “mundana”. No entanto, é justamente ao reconhecer Sua plena humanidade neste mundo que se torna possível perceber Sua divindade. Embora tenha vivido no mundo, Jesus não

4 Esse pode ser um desafio pastoral em algumas realidades eclesiais, já que na mística proposta por Tolentino se afirma que os sentidos revelam a língua materna e a gramática de Deus. A respeito, Brustolin e Fontana enfatizam que “tais expressões podem chegar a causar sobressalto em razão de suas consequências para o discurso teológico [e em especial para os fiéis]. Contudo, elas nada mais fazem que devolver à corporeidade humana a dignidade que lhe foi subtraída na relação pessoal do ser humano com seu Criador” (BRUSTOLIN; FONTANA, 2018, p. 143).

experimentou o pecado, pois escolheu constantemente viver conforme as exigências do Pai, como expressão da experiência de amor que compartilham mutuamente, revelando ao mundo que o pecado não constitui a essência do ser humano. Se essa foi a experiência de Jesus, os cristãos, ainda que aspirem à vida divina, devem compreender que tanto a realidade humana quanto a divina são vividas na própria realidade do corpo e do mundo. Negar essa dimensão significa rejeitar a própria experiência de Cristo, a quem professam seguir.

Ao analisar o passeio interpretativo que Tolentino faz do relato das origens em Gênesis 3, percebe-se que não menciona a palavra “pecado” e centra a atenção em como o olhar humano tem se atrofiado colocando finalidades nas coisas que vê, em vez de enxergá-las em si mesmas (TOLENTINO MENDONÇA, 2016, p.128). Isso ajuda a entender por que no imaginário de muitas pessoas tanto o fruto como a mulher representam o pecado, colocando neles a culpa da imperfeição humana, sem perceber que o relato das origens, busca, entre outras coisas, incentivar o ser humano a reconhecer quem ele é e a compreender o que se perde ao se distanciar de Deus e de Sua vontade. Em outras palavras, o relato quer levar o leitor a expor sua fragilidade diante de Deus, motivando-o a abrir-se a uma experiência afetiva mútua de um amor que transforma, evidenciando a importância da vulnerabilidade.

O pecado, embora seja uma realidade esmagadora, jamais supera o amor com que Deus se aproxima da humanidade. Aqueles que acreditam nesse tipo de amor devem confiar que Ele busca as pessoas tal como elas são, apesar das imperfeições e pecados. Isso é graça! Se Deus precisasse esperar que o ser humano atingisse uma condição específica, dificilmente Ele já teria sido experimentado na vida das pessoas tal como a vivem. Acolher esse amor implica aceitar o lugar de fragilidade e permitir que a vulnerabilidade se torne espaço de abertura à afetividade, sem medo de ser ferido ou de estar suscetível e exposto diante da vida e dos outros. Este é o caminho para uma conversão verdadeira da qual brota uma santidade, real e concreta, como uma nova forma de viver perante o mundo e o mistério. Como aponta Tolentino: “Transforma-nos, sim, a experiência de amor, de um amor desmedidamente apaixonado, como esse amor que Deus tem pelo homem ou pela mulher que somos. É no confronto com esse amor que mudamos” (2016, p.82).

A partir dessa experiência de amor é que o próprio olhar humano se converte, permitindo contemplar a vida e suas fragilidades de outra maneira, pois a contemplação, “é antes uma forma de exposição desarmada do olhar, uma colocação sem reservas, uma aprendizagem sempre a ser refeita, em despojamento dos porquês em face dos instantes” (TOLENTINO MENDONÇA, 2016, p.147). Quando a vida é compreendida dessa forma, se chega à conclusão de que o maior estado de vulnerabilidade é amar, pois, mesmo quando causa dor, o amor não quebra a pessoa, mantendo-a inteira, em si e no outro, com uma intensidade indescritível. Por essa razão, o amor “exige dos que o seguem uma desarmada exposição. Os que amam são, de certa forma, mais vulneráveis” (TOLENTINO MENDONÇA, 2016, p.29). Basta observar como as pessoas agem quando amam alguém, mesmo quando não são correspondidas. Percebe-se como essa experiência transforma a maneira pela qual transitam pela

vida, levando-as a se expor a situações que jamais imaginaram enfrentar, assumindo riscos, sentindo felicidade e criando expectativa pelo que está por vir.

Reconhece-se, porém, que o amor é também uma loucura marcada por dor e sofrimento, mas isso não impede que as pessoas continuem a amar. Essa “loucura” foi o que levou Deus, por meio de seu Filho, a entrar na realidade humana, e se comprova nos Seus toques de misericórdia, que se manifestam quando menos se acredita merecê-los, pois Deus continua a optar pelo ser humano, mesmo diante de respostas às vezes egoístas. Assim, pode-se considerar que a arte da vida consiste em ter coragem para confrontar e dialogar com a imperfeição e a fraqueza que nela se apresentam, em vez de tentar superá-las. É nesse movimento de vulnerabilidade e busca que se revela o desejo profundo que impulsiona a existência humana.

2 O DESEJO QUE NOS GUIA

Uma corrida de atletismo representa bem a forma como os seres humanos se movem em sua existência. Cada atleta se prepara, foca em suas capacidades e almeja a conquista da meta. Da mesma maneira, na vida, sonha-se com o sucesso e se vive em função dele. Atingir o objetivo conforme o planejado é frequentemente associado à felicidade. No entanto, nem sempre os acontecimentos seguem o esperado, exigindo adaptação e resiliência ao longo do caminho.

A maioria das pessoas encara a felicidade como um objetivo final e concreto, algo que precisa ser alcançado e possuído para dar sentido à própria existência. Contudo, essa busca é marcada por desafios, momentos em que planos se desfazem, motivações se transformam, circunstâncias impõem obstáculos e a integridade pessoal se fragmenta. Algumas situações ilustram bem essa realidade, como a necessidade de trabalhar em algo que nunca foi sonhado, a perda de um ente querido ou o diagnóstico de uma doença grave. Também há momentos em que, ao atingir um objetivo, logo após a euforia do triunfo, não se sabe exatamente qual será o próximo passo, e certa ansiedade toma conta da pessoa, como ao concluir uma graduação acadêmica, professar votos na vida religiosa ou adquirir bens como a casa própria ou um carro. Nessas situações surge uma pergunta que coloca o ser humano em um novo estágio de busca por realização pessoal: e agora, o que fazer se já se cumpriu o objetivo?

Fica evidente que o desejo pela felicidade está intrinsecamente ligado à existência humana, mas também se apresenta como um objetivo da vida espiritual⁵. Em sua obra *Elogio da sede*, o cardeal Tolentino Mendonça faz um caminho simbólico e conceitual até estabelecer uma distinção importante: a visão adoecida do desejo, amplamente difundida pelo mundo, onde ele se confunde com carência; e a interpretação cristã do desejo, que favorece a integração entre a existência humana e a vida espiritual. Diante disso, torna-se essencial aprofundar-se na reflexão sobre o significado do desejo.

5 Aqui deve evitar-se uma leitura de valorização moral do desejo, pois, como apontam Capelli e Villas, “Em sua paradoxal densidade esse anseio pela felicidade é também a causa da dor, da falta que constitui o motivo da busca, e que não raro o cansaço dos passos resulta em esvaecimento ou mesmo dispersão” (CAPELLI; VILLAS, 2023, p. 112).

Tolentino traça uma analogia entre o consumismo comercial e o consumismo espiritual, destacando como o desejo humano pela felicidade tem sido utilizado pelas sociedades de consumo, transformando-o numa poderosa arma de manipulação que nunca dá ao ser humano o que promete. A esse respeito, ele afirma:

O desejo tem a dimensão de uma vitrine e promete uma satisfação imediata e plena que evidentemente não pode cumprir. [...] Mas, uma vez comprado, o objeto não parece o mesmo, perdeu alguma coisa que tínhamos por irresistível, já não tem a consistência da promessa, como se a posse implicasse uma desvalorização. E com isso cresce em nós um vazio que nos faz voltar ao ponto de partida, uma vez e outra e outra (TOLENTINO MENDONÇA, 2018, p. 35-36).

Esse ciclo vicioso, longe de satisfazer o desejo humano por felicidade, consome a existência e gera uma constante frustração, pois, ainda que o objeto almejado seja alcançado, o sentimento de posse é ilusório. No âmbito espiritual, muitas vezes de forma inconsciente, se reproduz essa mesma lógica de consumismo em relação a Deus. Espera-se que Ele encha o anseio por felicidade e plenitude (e Ele o enche!), mas se pressupõe que algo deva ser dado em troca para que Sua presença e ação se manifestem. Essa mentalidade reflete uma teologia da retribuição, na qual, por exemplo, muitos crentes se envolvem no consumo de conteúdos espirituais e na prática de exercícios religiosos e devocionais com o intuito de alcançar uma experiência com Deus ou obter d'Ele certos benefícios. Assim, corre-se o risco de condicionar o encontro com Deus à prática religiosa ou a certas regras pré-estabelecidas, ao ponto de senti-Lo presente apenas nesses momentos, ignorando Sua presença no cotidiano da própria vida do crente. Por isso é importante nos perguntar com Tolentino:

Qual é o meu desejo? O desejo que não coincide com as cotidianas estratégias do consumir, mas sim com o horizonte amplo de consumir, da realização de mim como pessoa única e irrepetível, da assunção do meu rosto, do meu corpo feito de exterioridade e interioridade (e ambas tão vitais), do meu silêncio, da minha linguagem (TOLENTINO MENDONÇA, 2017, p. 69-70).

Nomear esse desejo constitui um caminho contínuo de busca de sentido, pois a existência constantemente coloca o ser humano diante de situações que exigem esse processo. O que se evidencia até aqui é que o desejo mais profundo de cada indivíduo o impulsiona a assumir sua própria existência, com todos os riscos envolvidos, sem que isso apague o seu sentimento de realização pessoal. Para tanto, como destaca Tolentino, é essencial acolher plenamente a realidade humana, sem separar o exterior do interior, o corpo do espírito. De modo que identificar o próprio desejo profundo permite contemplá-lo como um combustível dinâmico e sempre presente que motiva e guia a caminhada, em vez de enxergá-lo como força explosiva que impulsiona, mas logo se dissipa e conduz à imobilidade.

Tolentino faz um passeio interpretativo da sede como símbolo do desejo, e recorre a diferentes autores para distinguir a necessidade do desejo e suas implicações na experiência humana e espiritual. Quando se refere à visão de desejo do *Banquete* de Platão chega à seguinte conclusão que esclarece a dinâmica proposta. Ele sentencia:

[...] temos de distinguir o desejo de uma mera necessidade, que se acalma e satisfaz na posse de um objeto. [...] O desejo é uma falta nunca completamente satisfeita, é uma tensão, uma ferida sempre aberta, uma exposição interminável à alteridade. O desejo é uma aspiração que nos transcende e que não determina, como a necessidade, um termo e um fim. A necessidade é uma carência circunstancial do próprio sujeito. O infinito do desejo é desejo de infinito (TOLENTINO MENDONÇA, 2018, p. 47).

Mais adiante, ao dialogar com Hegel, acrescenta:

O desejo diferencia-se assim do desejo dos animais que se confunde com a necessidade, pois o destes visa unicamente, no quadro da luta pela sobrevivência, à assimilação instintiva do objeto. O desejo do ser humano é uma sede diversa: é o desejo de ser amado, olhado, cuidado, desejado e reconhecido (TOLENTINO MENDONÇA, 2018, p. 48).

Diante disso, não se pode ignorar que os seres humanos têm necessidades, mas o propriamente humano é o desejo. A necessidade impulsiona a busca pelo que falta ou pelo que um dia já se teve, na esperança de alcançar um objeto ou experiência capaz de saciar o drama da própria existência. No entanto, muitas necessidades acabam se confundindo com o desejo verdadeiro ou dificultam o processo de discernimento para identificá-lo. No dia a dia, escolhas são feitas arbitrariamente, sem compromisso real; busca-se satisfação em caprichos materiais ou espirituais; anseia-se pelo sucesso econômico, muitas vezes em detrimento da dignidade. Todo isso acontece de maneira vertiginosa e enganadora, seja conscientemente, seja em busca da aceitação social marcada pela saciedade. “Só mais tarde compreendemos que as paixões que pareciam mais incandescentes são, ao final, escuras, banais e tristes” (TOLENTINO MENDONÇA, 2018, p. 113).

Por ser uma força vital, a necessidade não pode ser ignorada no percurso da vida humana rumo à vida divina. A questão central reside em distinguir entre necessidades circunstanciais e provisórias, movidas pela carência, e aquela necessidade mais profunda e transcendente guiada pelo desejo. Quando movido pela carência, o indivíduo se torna um consumidor insaciável que busca algo externo para preencher sua identidade interna. Quando guiado pelo desejo, busca sua consumação, isto é, a realização do próprio ser, trilhando um caminho que dá sentido à existência, independentemente de atingir ou não uma meta. Enquanto a carência desgasta a vida, levando à privação e ao esgotamento, o desejo a expande, favorecendo o encontro com a alteridade e promovendo a partilha, pois é no reconhecimento do outro

que o ser humano encontra a plenitude de sua existência. Para a pessoa de fé, em especial para o cristão, o adequado discernimento entre as suas carências e o seu desejo é vital para corresponder adequadamente às exigências do Reino. Por esta razão:

Talvez precisemos reencontrar o desejo, a sua itinerância e abertura mais do que as decodificações onde tudo está já previsto, estabelecido, assegurado. A experiência do desejo não é um título de propriedade ou uma forma de posse: é antes uma condição de mendicância. O crente é um mendigo da misericórdia (TOLENTINO MENDONÇA, 2018, p. 51-52).

A cena de um morador de rua estendendo as mãos às portas de uma igreja ilustra a condição de mendicância descrita por Tolentino. O morador de rua pode necessitar de dinheiro, mas seu verdadeiro desejo é o alimento. E não apenas o alimento físico para saciar a fome, como um pedaço de pão ou uma marmita, mas a experiência do toque que alimenta as relações humanas e lhe permite aprofundar na sua própria pessoa. De modo semelhante, o crente se coloca como um mendigo de mãos abertas diante de Deus, trazendo consigo inúmeras carências, mas, acima de tudo, com o desejo profundo de alimentar-se da proximidade amorosa do Criador. É o que Deus faz com o quem dialoga com Ele, pois “O eu do desejo dá lugar ao Outro, isto é, confia, deposita fé no Outro, coloca-se na sua órbita, procura a sua luz” (TOLENTINO MENDONÇA, 2018, p. 51-52).

Dessa forma, quando o crente identifica o seu desejo, reconhece que algo lhe falta e mantém a mão erguida, esperando ser assistido, mas também como sinal do anseio de ser tocado por outros, completando no encontro a sua identidade mais profunda⁶. É nesse movimento que se fundamenta a experiência de fé em Deus, que, sendo o Outro sempre em falta, permanece sempre presente, e dota de sentido a vida do crente. Por isso, no caminho espiritual a reflexão deve se voltar menos para as necessidades dirigidas a Deus e mais para o desejo que se tem d’Ele, pois, guiado pelo Seu desejo, o crente encontra a potencialidade do seu próprio ser. Então, pode-se afirmar que “o desejo é literalmente insaciável porque aspira àquilo que não se pode possuir: o sentido. Nessa linha, o desejo não se sacia, mas aprofunda-se” (TOLENTINO MENDONÇA, 2018, p. 114)

Agora, quem oferece algo a alguém que precisa também estabelece um vínculo com aquele a quem ajuda. Da mesma forma, ao experimentar a misericórdia, o crente é chamado a reconhecer o vínculo que Deus estabelece com ele. Sendo por meio do Filho que se torna possível perceber como o Pai assiste à humanidade, torna-se essencial reaproximar-se do Jesus dos Evangelhos e analisar algumas de suas atitudes, para continuar compreendendo que a experiência com Deus não é algo distante ou abstrato, mas uma realidade encarnada no mundo em que se vive.

6 Como sugerem Capelli e Villas, sede e encontro com o outro estão interligados, pois “o desejo se relaciona diretamente com a ‘vulnerabilidade extrema’ presente na nudez, e sede exige a disposição para se alcançar tal nudez, pois é um despir daquilo que leva a encobrir a força de atração do desejo [...]” (CAPELLI; VILLAS, 2023, p. 112).

Retomando uma das interpretações da imagem da sede propostas por Tolentino, o encontro de Jesus com a Samaritana (João 4,5-24) revela o grau de envolvimento que Ele tem com o ser humano, pois, como afirma o autor, “em Jesus, Deus também se apresenta como mendigo do homem” (TOLENTINO MENDONÇA, 2018, p. 17-18). Assim, parafraseando as palavras do cardeal, encontra-se no poço de Jacó um Jesus cansado, desgastado pelo serviço dos últimos dias de missão, queimado pelo sol e coberto pelo pó, enfim, sedento. No entanto, Sua sede não é saciada pela água, pois, de outra forma, teria pedido diretamente o líquido vital à mulher ou solicitado o balde emprestado para retirá-la do poço. O pedido de Jesus se fundamenta no desejo de entrar na vida da Samaritana e, por meio dela, na vida de toda a humanidade, pois:

Jesus pede: “Dá-me de beber”. [...] É uma sede maior. É sede de tocar nossas sedes, de contatar com os nossos desertos, com as nossas feridas. É a sede dessa parte significativa de nós mesmos que fica tão frequentemente adiada, abandonada à solidão. É a sede dessa porção de nós (porção suspensa, omitida, calada) para a qual não encontramos interlocutor (TOLENTINO MENDONÇA, 2018, p. 20).

Ao final da narrativa, é a mulher quem bebe da água viva oferecida por Jesus⁷. Ela não precisou dar nada em troca; apenas se apresentou com sinceridade, revelando-se tal como estava, com suas dúvidas e pensamentos dispersos. No entanto, ao sair daquele encontro, experimentou uma nova vitalidade, um olhar renovado e um novo sentido além das decepções constantes vividas até então. Desta forma compreende-se que “o desejo de beber por parte de Jesus significava já o desejo de dar de beber da água viva” (TOLENTINO MENDONÇA, 2018, p. 70). É na doação de si mesmo, no encontro com a humanidade, que Jesus consuma o seu desejo, que coincide com o do Pai. Assim, a plenitude da vida de Jesus, não está na posse de algo ou de alguém, mas na gratuidade de sua entrega, na qual a humanidade é acolhida.

Ainda que o evangelista João não mencione novamente a Samaritana, é possível imaginar que ela tenha desejado reencontrar Jesus, especialmente nos momentos em que a vida voltava a se tornar confusa ou quando o seu sentido era questionado ou ameaçado. A experiência humana segue essa mesma dinâmica: ao longo da existência, surgem crises e desafios, e no caminho espiritual não é diferente. Há um anseio por um encontro com Jesus Cristo que revitalize e anime para enfrentar a complexidade do cotidiano.

Ao comentar diferentes trechos do quarto evangelho onde a imagem da sede aparece, Tolentino ainda sublinha que Jesus insiste em oferecer a água viva, que é puro dom, graça absoluta. No entanto, no mundo contemporâneo, muitas pessoas não se sentem capazes de recebê-la gratuitamente. Com uma visão mercantilista do mundo, acreditam necessário

7 A partir desse encontro íntimo entre a Samaritana e Jesus, suas sedes tomam um novo sentido que pode ser compreendido desde a perspectiva de Celidonio ao comentar uma ideia de Tolentino para explicitar a busca de Deus: “A sede quando bem compreendida leva à fonte. A sede espiritual parte do que é concreto, do dar de beber a quem tem sede (Mt 10,42). A partir de então, a sede passa a ser da relação, do aceitar o outro, de amar” (CELIDONIO, 2022, p. 14).

realizar ou dar algo em troca para poder beber de Cristo. Para purificar um pouco essa ideia, torna-se essencial olhar para a experiência de Jesus em sua relação com a vida divina, pois é nela que se fundamenta a esperança dos seus seguidores. O autor, ao comentar as festas dos tabernáculos (João 7,37-39), explicita como a sede dos crentes se traduz quando a própria vida converge na direção da vida de Cristo: “Somos assim chamados a viver de uma centralidade cristológica: sair de nós mesmos e procurar em Cristo aquela água viva que sacia a nossa sede, vencendo a tentação da autorreferencialidade que tanto nos adoece e tiraniza” (TOLENTINO MENDONÇA, 2018, p. 72-73).

Dessa maneira, se a felicidade de Jesus se realiza na doação de si à humanidade, a felicidade do seguidor de Cristo se concretiza na entrega amorosa a Ele e na dedicação à humanidade ferida, promovendo, desse modo, o encontro das pessoas com Deus. A liberdade concedida ao ser humano para crer ou não em Deus é a prova de que Ele não se move pela carência; caso contrário, o ser humano seria devorado sem justificativa alguma, possuído por um deus que não ama nem aguarda a resposta da humanidade.

O Deus de Jesus é aquele que, guiado pelo desejo da realização humana e divina de cada homem e mulher, aguarda com loucura paciente que a humanidade O reconheça para fortalecer ainda mais a relação de amor que Ele mesmo já começou desde a eternidade. O fato de não compreender a espera de Deus convida a uma reflexão profunda sobre o tempo como espaço sagrado onde se constrói o sentido da vida humana marcado pela temporalidade da existência.

3 O INSTANTE DA NOSSA EXISTÊNCIA

O tempo de Deus é perfeito. Essa frase é muito repetida ante as situações difíceis da vida. Quando passamos por um vale de lágrimas, quase que automaticamente sai da nossa boca esse consolo, que é mais do que isso. É uma sabedoria do tempo para a vida. A frase nos ajuda a perceber que ante essas situações perturbadoras em que a vida perde o seu sentido, só nos resta o tempo. Tempo para reconhecer que há coisas passageiras e eternas; para construir esperança no hoje; para perceber que o passado bate à porta para nos ensinar; para esperar que tudo seja melhor, e sempre o é, ainda quando mais para frente, coisas piores aos nossos olhos aconteçam. Assim, temos de admitir que, embora o tempo de Deus seja distinto do nosso, de forma dinâmica e misteriosa, é um tempo que somos convidados a habitar para que a nossa vida não perca sentido.

A questão da realização humana permanece central na reflexão. Ao reconhecer e acolher esse desejo profundo que impulsiona a própria existência, surge uma inquietação sobre o tempo em que essa realização ocorrerá. Há um questionamento constante sobre o momento exato em que esse anseio se concretizará. O ser humano está inevitavelmente sujeito ao tempo, e todas as suas ações são realizadas conforme a disponibilidade de horas e minutos. Dentre os diversos fatores que influenciam essa dinâmica, dois se destacam por seu impacto na vida espiritual, conforme abordado em alguns fragmentos dos textos de Tolentino. O

primeiro está relacionado à velocidade com que se vive; o segundo, à duração da existência humana.

No que diz respeito à velocidade, a pressa que caracteriza a sociedade atual dificulta a experiência de habitar o tempo de maneira plena. Mas, ao tomar consciência do ritmo com que se vive, de certo modo, a realidade fala, dá sinais. A rapidez pode indicar tanto a necessidade de correr para poder viver quanto a importância de se deter para ser feliz. Não se trata, contudo, de ir na contramão daquilo que se experimenta no dia a dia, pois a vida cotidiana é acelerada. O desafio consiste em encontrar o ritmo adequado para o caminho espiritual em meio a esse mundo frenético. Assim, a velocidade com que se busca a felicidade pode levar ao esquecimento do verdadeiro significado de ser e viver a própria existência ou o caminho espiritual. Nesse aspecto, Tolentino contribui para a reflexão ao comentar um texto de Milan Kundera intitulado *A lentidão*:

[Milan Kundera] escreve: “Quando as coisas acontecem depressa demais, ninguém pode ter certeza de nada, de coisa nenhuma, nem de si mesmo”. E explica, em seguida, que o grau de lentidão é diretamente proporcional à intensidade da memória, enquanto o grau de velocidade é diretamente proporcional ao do esquecimento. Quer dizer: até a impressão de domínio das várias frentes, até essa empolgante sensação de onipotência que a pressa nos dá é fictícia. A pressa condena-nos ao esquecimento (TOLENTINO MENDONÇA, 2017, p. 20).

A ilusão de domínio sobre os próprios planos cria uma falsa sensação de eternidade, levando a projetar a vida em função de objetivos a serem cumpridos. No entanto, como Tolentino ressalta, essa visão é fictícia. Quando a felicidade esperada não se concretiza, surge a impressão de que o tempo foi desperdiçado, podendo gerar um julgamento negativo sobre as escolhas feitas, até chegar em frustração e desesperança.

A fragmentação da percepção do tempo faz com que a vida se organize exclusivamente em função da realização dos próprios sonhos, muitas vezes sem considerar a densidade do momento presente ou a presença daqueles que estão ao redor. A pressa excessiva pode levar à incapacidade de dedicar tempo ao outro, especialmente quando essa atitude não parece trazer benefícios diretos aos próprios planos. Por falta de lentidão, as pessoas podem não lembrar os sonhos mais profundos, aqueles que, em algum momento, foram capazes de trazer sentido à existência e de fazer “parar” o relógio. Certamente, chega o momento em que se percebe a ausência de tempo tanto para si quanto para os outros.

Quanto à duração da existência, surge inevitavelmente uma palavra temida por muitos: morte. Esse foi, precisamente, o tema de uma aula de filosofia, na qual a professora propôs um exercício. Pediu aos alunos que escrevessem o epitáfio que gostariam que estivesse gravado em seus túmulos. Em seguida, afirmou: “Cada epitáfio é o resumo de uma vida. Por isso, para falar da morte, é necessário falar da vida e de como vivenciamos a morte dos outros”. Em

seguida, os alunos compartilharam experiências de perda de familiares, descreveram diferentes rituais fúnebres e discutiram como distintas culturas lidam com a morte. A conclusão que chegaram é que a morte confere sentido à existência humana.

Poucas pessoas se detêm a refletir sobre essa perspectiva. A maior parte da energia, do tempo e dos recursos é investida na busca pela realização pessoal, esquecendo por vezes que a condição humana é marcada por uma vida terrena que é temporal. Em um nível mais existencial, provavelmente o que realmente assusta não é apenas a morte em si, mas a possibilidade de não haver tempo suficiente para se tornar aquilo que se sonhou ser. Também pode aparecer o temor de que a própria vida termine sem deixar um legado significativo para si ou para os outros. Tolentino, ao refletir sobre esse tema, destaca:

A morte é uma expressão da vida. A mais enigmática, impenetrável e intraduzível das expressões, certamente. Mas é no interior da vida que temos de compreendê-la. [...] A morte pode representar no itinerário pessoal, e nos nossos caminhos entrecruzados e comuns, a oportunidade para olharmos a vida mais profundamente (TOLENTINO MENDONÇA, 2017, p. 74).

Um questionamento pertinente se impõe: o que se faria ou o que se seria se houvesse a certeza de que a morte não existiria? Muitas das preocupações de hoje deixariam de fazer sentido, os desejos poderiam levar séculos para se concretizar, e a pressa em realizar algo não seria uma preocupação. Sem um fim, a busca por sentido talvez não fosse sequer necessária. No entanto, a realidade é diferente. A vida é breve e exige ser vivida com intensidade, pois nela se encontra o sentido da própria existência e também da morte.

A partir dessa relação entre a vida acelerada e o final da existência de cada pessoa, torna-se possível olhar para Jesus e perceber que Ele viveu plenamente o tempo que passou neste mundo. Sua trajetória não foi definida pela quantidade de anos, mas pela intensidade com que viveu cada momento. De modo que, à luz da morte de Jesus, sua vida se revela de forma mais plena. Assim, na sua história se encontram pistas para aqueles que poucas vezes enxergam sua história como o verdadeiro tempo capaz de dar sentido à existência.

À primeira vista, pode-se pensar que Ele partiu cedo demais, que na sua vida ainda teria muito a realizar. No entanto, Ele cumpriu plenamente sua missão sem precisar de mais tempo. Viveu o suficiente para ser solidário, misericordioso e justo, buscando, em cada passo, a vontade de Deus-Pai. Sua morte só tem significado para cada cristão porque foi precedida por uma vida entregue ao Reino de Deus. Sem essa entrega, sua morte teria sido apenas mais uma entre tantas, e a notícia de sua ressurreição não teria atravessado os séculos até hoje. Assim, na figura de Jesus se evidencia aquilo que Tolentino denomina “reconciliação com o tempo”, pois “não nos basta um conceito de tempo linear, ininterrupto, mecanizado, puramente histórico. O continuum homogêneo do tempo que a teoria do progresso desenha não conhece a ruptura trazida pela novidade surpreendente. E a redenção é essa novidade” (TOLENTINO MENDONÇA, 2016, p. 27).

Essa reconciliação propõe uma nova maneira de enxergar a história, não como uma sucessão de fatos isolados, mas como um percurso que interpela e surpreende aqueles que o contemplam. À luz do mistério pascal de Jesus Cristo, o cristão é chamado a abraçar o tempo de forma diferente do modo como o mundo o faz. Sua paixão, morte e ressurreição revelam um modo misterioso de o tempo se manifestar, exigindo daqueles que seguem a Jesus Cristo uma nova visão da vida, de suas expectativas e do agir de Deus na existência humana. A ressurreição de Jesus fundamenta a esperança de que a vida não acaba neste tempo passageiro, mas se prolonga além dos limites da temporalidade.

Quando a percepção do tempo é vivida conforme a dinâmica da sociedade, particularmente na vida espiritual, surge o espanto diante da possibilidade de não alcançar a nova vida proposta por Jesus, dificultando o encontro com Deus. Na consciência de alguns cristãos se gera a sensação de que não se tem tempo suficiente para mudar atitudes ou fatos do passado e assim garantir se aproximar d'Ele. Nesse contexto, muitas vezes, busca-se cumprir normas e passos previamente estabelecidos, seja por construções pessoais, seja por influência de outros, muitas vezes baseados em uma moral excessivamente normativa. Porém, essa pressa em seguir regras pode levar ao esquecimento do verdadeiro foco: a presença de Deus em meio da realidade concreta, pois a ansiedade e confusão de pensamentos e ações ocupam a maior parte do tempo.

Diante dessa realidade, é essencial o desapego em relação ao futuro, aceitando sua imprevisibilidade, pois poucas são as coisas que realmente dependem da própria vontade, e os planos estabelecidos frequentemente se transformam. Por isso que o instante exato de encontro com Deus não pode ser controlado ou previsto. Também é importante o desapego à própria projeção do que se pretende ser, o qual exige compreender o tempo além dos desejos humanos. Por isso, “o ponto de sabedoria é aceitar que o tempo não estica, que ele é incrivelmente breve e que, por isso, temos de vivê-lo com o equilíbrio possível. [...] Por vezes é mais importante saber acabar do que começar, e mais vital suspender do que continuar” (TOLENTINO MENDONÇA, 2017, p. 23). Quando os avanços dos projetos ou da vida não ocorreram conforme o esperado, há mais sabedoria em aceitar a própria incompletude do que em gastar energias com a necessidade ilusória de prolongar o tempo para alcançar um ideal. A verdadeira graça da existência não reside apenas na realização dos planos, mas na intensidade de cada instante vivido durante a busca por sua concretização. Isto é habitar o tempo!

Portanto, torna-se primordial distinguir o tempo humano do tempo de Deus, compreender como eles se relacionam e perceber que, embora sejam distintos, isso não significa que não confluem entre si. Tolentino propõe o conceito de instante como a categoria que possibilita identificar essa dinâmica na realidade humana, descrevendo que:

Ora, o ponto místico de interseção da história divina com a história humana é o instante. Não o instante idealizado ou tornado abstrato, mas este instante concreto. Este preciso minuto onde nos situamos,

esta hora concreta das nossas vidas, estes dias que o nosso coração afronta com maior ou menos esperança (TOLENTINO MENDONÇA, 2016, p. 35).

A esperança conduz o crente a uma visão do tempo que vá além de uma compreensão linear, adquirindo um novo sentido. Trata-se de um exercício de fé, no qual, à primeira vista, o instante é compreendido como equivalente ao tempo presente, porém, seguindo a argumentação de Tolentino, o instante, mesmo que possa ser medido de forma específica, expressa uma realidade mais ampla, que se manifesta no cotidiano da vida humana, na sua concretude atual⁸.

Tolentino revela outra faceta fundamental do instante ao afirmar que ele “é capaz de informar-nos do iminente, do que se avizinha no previsível e no imprevisível, do que, de forma declarada ou discretíssima, vem” (TOLENTINO MENDONÇA, 2016, p. 35). Aqui se insinua a ideia de futuro, não como mero exercício lógico para prever acontecimentos, mas como uma realidade que ultrapassa o óbvio e revela o que está por vir em chave profética. Assim, o instante carrega essa face enigmática do futuro, perceptível pelo crente com uma certeza indiscutível, que permite associá-lo ao tempo de Deus e ao cumprimento de sua vontade.

Essas duas experiências, o tempo humano e o tempo divino, não ocorrem de forma isolada ou sucessiva no instante. Tolentino, em um breve artigo de análise semântica, recorre a dois conceitos da terminologia grega do tempo, *chrónos* e *kairòs*, para aprofundar o significado da palavra “plenitude” no início do Evangelho de Marcos. Para isso, o cardeal cita, inicialmente, a distinção feita por Ammonius:

Há uma diferença entre momento (*kairòs*) e tempo (*chrónos*). Um momento é uma porção de tempo, como que um conjunto de dias contabilizados. O tempo, esse, compreende e engloba uma pluralidade de momentos. Dito de outra maneira: o *kairòs* exprime uma qualidade (*poiotèta*) do tempo, como quando dizemos “quando decorria a guerra”; o *chrónos*, por sua parte, designa uma quantidade (*posotèta*), como quando se diz “dez anos antes” ou “dez anos depois” (TOLENTINO MENDONÇA, 2006, p. 6).

Na sequência, Tolentino aprofunda essa distinção, afirmando que:

O significado fundamental de *kairòs* é assim o de uma expressão decisiva do tempo, o seu ponto miliar, essencial. Um significado, portanto, que foge ao horizonte estritamente cronológico e que em autores antigos tão diversos como Sófocles ou Aristóteles, ou já na

8 A compreensão da mística de Tolentino por parte de Espinosa permite aprofundar em que sentido o instante é um exercício de fé, pois ele afirma que “la espiritualidad de los sentidos supone el ejercicio de reconocer nuestros instantes y discernirlos, es decir, juzgarlos a la luz del acontecimiento Cristo. Es, incluso, abrirnos a pensar cuáles son los momentos vitales de Cristo (Encarnación, ministerio público, pasión, muerte, resurrección)” (ESPINOSA, 2021, p. 202).

tradução grega da Bíblia Hebraica, a chamada Septuaginta, ganha, não raro, um sentido religioso, a ponto de coincidir com a revelação do próprio Deus [...] É, por isso, preciso compreender não apenas que o tempo se prolongou até este ponto do presente, mas sobretudo que um momento privilegiado, um *kairòs*, acaba de ser atingido pelo facto do Reino Messiânico se ter avizinado. E o advento do Messias significa que todas as coisas – e com essas o sujeito que as vê – são contagiadas pelo que emerge (TOLENTINO MENDONÇA, 2006, p. 6).

Essas considerações possibilitam associar o *chrónos* ao tempo humano e o *kairòs*, ao tempo divino, compreendendo que ambos coexistem na noção de “instante” proposta por Tolentino. Assim, o *kairòs* de Deus, seu tempo de graça, penetra a história humana para se revelar à humanidade, simultaneamente ao momento em que o *chrónos* humano, com seu presente, passado e futuro, é apresentado a Deus, permitindo que a humanidade participe do momento divino.

Para tal compreensão, é necessário adotar novos modos⁹ de pensar a própria história e reconhecer o agir de Deus nela, por meio do que Tolentino chama de dinâmicas de reconhecimento e reintegração. Essas dinâmicas possibilitam escapar de ideias ilusórias, como ele exemplifica:

Talvez a utopia não seja simplesmente uma pergunta feita ao futuro, mas sim uma interrogação sobre o modo como os nossos passados, remotos e próximos, podem ser convocados para um presente que aceite o risco da inteireza como lugar possível da sua reinvenção (TOLENTINO MENDONÇA, 2017, p. 58).

No instante, o *chrónos* é ressignificado, entrelaçando passado, presente e futuro, e criando como que um espaço onde a novidade pode ser experimentada. De modo que, o passado não deve ser simplesmente descartado, pois a memória é essencial para interpelar a vida, e o futuro não pode ser meramente idealizado, pois a esperança permite acolher verdadeiramente o que está por vir. O tempo presente, por sua vez, possibilita a convergência do passado e do futuro no instante, pois, como descreve Tolentino, o presente envolve duas dimensões: “uma passagem horizontal, quantitativa, na perspectiva de uma realização entre este instante e o que lhe sucede. Mas o presente tem também um sentido vertical que requalifica o tempo, abrindo-o à eternidade” (TOLENTINO MENDONÇA, 2016, p. 27-28).

9 Abordando o sentido da poesia de Tolentino, pode-se ver em Dimas outro modo de pensar o tempo: “[A arte] conduz-nos a transmutar a voragem impiedosa, consumista e dispersiva do *chrónos* no tempo vagaroso, gratuito e oportuno do *kairós*. Liberta-nos da visão quantitativa e vertiginosa do sem tempo para uma visão qualitativa e graciosa do tempo para. Pela arte poética não nos deixaremos devorar ou engolir por Chronos na correria ofegante dos dias e na ilusão das convenções economicistas e científicas. A arte poética ajuda-nos a não adiar a vida para uma ocasião que nunca se proporciona, centrando-nos na relação essencial de admiração, exultação e saudação” (DIMAS, 2022, p. 33).

O instante abre uma conexão com a eternidade na qual o crente é conduzido a entrar na dinâmica do tempo de Deus (*kairòs*), em vez de apenas aguardar a manifestação da graça em seu próprio tempo (*chrónos*). Assim, supera-se a noção de que a eternidade é uma realidade estritamente futura e perfeita vivida no além. Ela se revela como um presente no instante, quando este é habitado. A ilusão, muitas vezes, está em querer reviver alguma situação do passado, esquecendo que a graça se encontra na vivência plena de cada momento em sua novidade, contexto, essência e singularidade irrepetível.

Habitar o tempo significa aprender a estar presente no que se é e no que se faz, enquanto se é e se faz. Essa vivência intensifica a relação íntima entre o orante e Deus além das barreiras do tempo, pois: “Entre as possibilidades infinitas do amor divino e a experiência mutável e progressiva do humano em nós, o único contacto é o instante” (TOLENTINO MENDONÇA, 2016, p. 36).

Por outro lado, na vida espiritual, em muitos cristãos frequentemente há a necessidade de permanecer no *kairòs* de Deus, afastando-se do *chrónos*, ou seja, da própria história. Porém, uma espiritualidade integral exige a aceitação de ambos os tempos: é vital aprender a saborear no *chrónos* o *kairòs* de Deus e retornar ao *chrónos* trazendo consigo os frutos dessa experiência. Assim, possibilita-se compreender que, embora a existência terrena tenha um fim, a fé na intervenção de Deus na história, e particularmente na própria história de vida, por meio de seu Filho Jesus, é fundamental para reconhecer o instante como um presente do querer divino para toda a humanidade, abrindo caminho para uma vida nova.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste caminho reflexivo, percebemos que a vulnerabilidade, o desejo e o instante contribuem, de fato, como categorias que conectam a realidade humana com a vida divina. No entanto, desde o início desta reflexão, fica claro que elas não devem ser vistas como o único meio de aproximação a Deus, nem como garantias para a realização pessoal e espiritual do cristão. Pelo contrário, quando bem compreendidas, elas não se reduzem a meros conceitos ou regras a serem seguidas, mas se tornam experiências dinâmicas, vivas e surpreendentes, que dotam a existência de sentido. Elas emergem da concretude da fragilidade que nos foi dada como criaturas e filhos de Deus, e se manifestam no tempo presente da nossa vida.

A sistematização realizada aqui busca oferecer um aprofundamento racional que auxilie os seguidores de Jesus a reconhecer a presença e o cumprimento da sua promessa nas diversas realidades que a humanidade e a criação vivem hoje. Por isso é conveniente lembrar que a distinção proposta tem um caráter pedagógico, iluminando aspectos específicos da experiência de fé sem fragmentá-la, fomentando assim reflexões pessoais e comunitárias diante das inquietações do mundo atual.

Dessa perspectiva, um ponto essencial se evidencia: nenhuma dessas dimensões pode ser plenamente compreendida ou vivenciada isoladamente. Elas se interconectam entre si e com o mundo, pois a vida acontece na história, em contextos específicos e nos ritmos próprios

do cotidiano, onde tudo se entrelaça. Assim, permanece aberto o convite para enxergar a vulnerabilidade, o desejo e o instante, como espaços de graça e de discernimento, onde ocorrem o diálogo e a relação com outras realidades da experiência humana e espiritual, ainda que não tenham sido abordadas aqui.

Todo caminho espiritual supõe uma conversão ou transformação de quem o percorre. Nesse sentido, esta proposta, inspirada por Tolentino, convida-nos a habitar a vida como ela se apresenta, sem a pretensão de moldá-la às nossas conveniências, por mais nobres que sejam nossas intenções. Uma espiritualidade integral e encarnada exige que reconheçamos a ação de Deus naquilo que é concreto, nas fragilidades e nos encontros cotidianos com os nossos anseios e apesar do pouco tempo que tenhamos de vida pela frente. Tomamos consciência dessa transformação quando compreendemos que nos relacionar com as diversas situações da existência não significa nos condicionarmos a elas, mas integrá-las de maneira autêntica à nossa caminhada espiritual. Por mais complexas ou adversas que possam parecer, é no contato com essas realidades que encontramos o impulso para a superação, a renovação, o sentido, o outro e, acima de tudo, o Amor.

Por fim, a felicidade do cristão não está em um ideal fixo nem em comparações com os caminhos espirituais de outras pessoas, mas na própria vida que cada um vive de forma única e irrepetível. É preciso assumir uma atitude de abertura à própria existência e ao dom que ela nos oferece para contemplar Deus no meio de nós. Dessa forma, o desejo por Deus crescerá e, com ele, o desejo pela plena realização do próximo, não à nossa maneira, mas segundo o modo de Deus. Afinal, todas as vidas confluem para a mesma fonte originária que nos chama e sustenta: Jesus.

REFERÊNCIAS

BRUSTOLINI, Leomar; FONTANA, Leandro. A existência humana como resposta: a antropologia cristã à luz da compreensão bíblica do ser humano. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 58, n. 1, p. 134-147, jan./jun. 2018.

CAPPELLI, Marcio; VILLAS, Alex. A literatura como exercício espiritual em José Tolentino Mendonça. *Teoliterária*, São Paulo, v. 13, n. 31, p. 96-117. 2023.

CELIDONIO, Reginaldo. A espiritualidade cristã como critério hermenêutico para uma leitura atual da realidade. *PqTeo*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 03-18, jan./jun. 2022.

DIMAS, Samuel. A poética do silêncio e da sede de Deus em José Tolentino Mendonça. *Teoliterária*, São Paulo, v. 12, n. 28, p. 11-43. 2022.

ESPINOSA, Juan Pablo. Espiritualidad de los sentidos en los relatos de ciudad. *Cuestiones Teológicas*, Medellín, v. 48, n. 110, p. 193-206, jul./dez. 2021.

TOLENTINO MENDONÇA, José. A qualificação messiânica do tempo. *Cultura*, Lisboa, v. 23, p. 253-258. 2006.

TOLENTINO MENDONÇA, José. *A mística do instante: o tempo e a promessa*. São Paulo: Paulinas, 2016. (Travessias).

TOLENTINO MENDONÇA, José. *Libertar o tempo: para uma arte espiritual do presente*. São Paulo: Paulinas, 2017.

TOLENTINO MENDONÇA, José. *Elogio da sede*. São Paulo: Paulinas, 2018. (Travessias).

TOLENTINO MENDONÇA, José. Sobre o uso do termo vulnerabilidade. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa*, Lisboa, v. 62, n. 1, p. 71-76, ago. 2021.

Artigo submetido em 05/05/2025 e aprovado em 26/05/2025

Randy Fernando Romero Morillo: Bacharel em Filosofia pelo Instituto de Teologia para Religiosos de Caracas (ITER), Venezuela; graduando em teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte (FAJE). Pesquisa desenvolvida sob a orientação do Prof. Dr. Francys Silvestrini Adão, no programa de iniciação científica (PIBIC), inserida no projeto de pesquisa “Mística, espiritualidade e estética”, com bolsa do CNPq. E-mail: randyf92@gmail.com.

Endereço: Rua Iracema Souza Pinto, nº 695 - Planalto - Belo Horizonte/MG. CEP: 31720-510

Orcid: 0009-0007-0206-8307

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Dr. Francys Silvestrini Adão, Dra. Marília Murta de Almeida, Dr. Sinivaldo Silva Tavares